A mão que açoita é a do mestre que ama e ensina: os castigos físicos na educação monástica medieval através de fontes originais

Carlile Lanzieri Júnior*

Resumo: Amor, sobriedade e humildade eram valores arraigados no monasticismo medieval. Tornar o homem menos violento e mais propenso ao perdão eram as metas que eles traziam. Com efeito, essa procura pelo bem comum reverberou nos ensinamentos oferecidos pelos mestres monásticos. Entretanto, a procura pelo amor fraterno através da boa formação passava pela punição corporal dos estudantes, sobretudo os jovens e indisciplinados. Longe de se reduzirem a meros atos de violência, essas ações demonstravam aos discentes o quanto a elevação espiritual era valorizada em detrimento ao que se relacionava ao corpo, origem de pecados. Analisar as manifestações dessas práticas através de fontes de diferentes épocas é a finalidade deste trabalho.

Palavras-chave: Castigos – Educação – Idade Média

Abstract: Love, sobriety and humbleness were worthies deep-rooted in the medieval monasticism. To make the man less violent and more inclined to the pardon were the marks that they brought. As a matter of fact, this search by the common good appeared in the teachings offered by the monastic masters. However, the search by the fraternal love through the good education passed by the corporal punishment of the students, especially the youngs and undisciplineds. Without reducing to mere acts of violence, those actions demonstrated to the pupils how much the spiritual elevation was appraised not worrying with the things related to the body, source of sins. To analyze the manifestations of those practices through sources of differents ages is the aim of this work.

Keywords: Punishments – Education – Middle Ages

Elevação espiritual através do distanciamento dos valores mundanos era o principal preceito por trás da educação definida pelos monges da Idade Média (DUBY, 1980:60-61). À medida que o homem se desprende do que é do mundo, mais se aproxima do que pertence a Deus. Homens norteados pela busca dos conhecimentos divinos, os monges foram os mestres docentes do Ocidente medieval antes do surgimento das primeiras universidades no século XIII (GILSON, 2007:227). Juntamente com as orações e os cânticos, parte do tempo que dispunham destinava-se às escolas que mantinham.

Os monjes também preservaram o conhecimento: em quase toda casa monástica existia uma biblioteca. Grandes ou pequenas, o conteúdo delas era formado por autores cristãos, como Santo Agostinho (354-430), Cassiodoro (c.485-580) e Isidoro de Sevilha

* Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: *lanzierijunior@uol.com.br* Orientador: Professor Dr. Roberto Godofredo Fabri Ferreira.

(c.560-636), além de outros de origem pagã, como Cícero (106-46 a.C) e Ovídio (43 a.C-17 d.C). O *scriptorium* era o local destinado à cópia e montagem de livros. Pelo diuturno trabalho dos copistas, obras dos primeiros séculos medievais e da Antigüidade pré-cristã foram conservadas (NUNES, 1979:74). Para eles, reproduzir livros era um ato espiritual.

Amor ao próximo, sobriedade e humildade eram virtudes arraigadas nos claustros. Essas eram dádivas que tornavam o homem menos violento e mais propenso ao perdão. Essa busca pelo bem comum reverberou nos ensinamentos oferecidos pelos mestres monásticos. Paradoxalmente, a procura pelo amor fraterno através da educação passava pela punição corporal dos estudantes, sobretudo os jovens e indisciplinados.

Castigos com varas, açoites e jejuns eram ações legítimas para incutir sobriedade e disciplina nos discentes (COSTA, 2002:17-18). Sem dúvida, eram tratamentos rígidos, contudo preparavam para a existência na Eternidade. Analisar as manifestações dessas práticas através de fontes de diferentes épocas e à luz do contexto no qual se constituíram e ganharam força é o objetivo deste breve trabalho.

Antes de prosseguir, consideramos a seguinte premissa: para compreendermos os medievais, devemos nos apartar de nossas concepções materiais. Na alteridade, devemos sentir a Idade Média a partir de referências a ela pertinentes (GADAMER, 1998:58, 71 e 312). Para isso, temos que nos colocar na mesma perspectiva de quem nela viveu (SCHUBACK, 2000:13-49), e direcionar nosso olhar para o *Além*. Era para essa dimensão que os medievais se voltavam quando refletiam, escreviam e falavam.

Entre muitos pensadores da Idade Média, existia a idéia de que a natureza humana era boa, pois era criação divina. São Bernardo de Claraval (1090-1153) e Hugo de São Vítor (1096-1141) foram divulgadores dessa concepção. Para eles, a degradação humana acontecia no convívio no mundo, residência do pecado. Ademais, Bernardo e Hugo acreditavam que os homens não usaram com sabedoria a liberdade que Deus lhes confiou, e optaram por aquilo que pouco dura, mas satisfaz a carne.

Para os pedagogos monásticos, não havia divisão entre a educação letrada de uma pessoa e sua formação ética, pois ambos formavam um corpo harmônico e coeso (DOYLE, 2005; LAUAND, 1998:301-302). Assim, educar era, antes de tudo, converter estudantes em pessoas sábias e pautadas na retidão dos valores cristãos. Para ser douto, o sábio precisava ser bom, o que o tornaria digno de seus conhecimentos.

Normalmente, os ensinamentos eram transmitidos de maneira provocativa, através de mecanismos lúdicos que instigavam a reflexão e memorização do que era proposto (CARRUTHERS, 1990:82). O bom mestre ensinava seus discípulos a digerirem com calma as

informações transmitidas, sem nunca procurarem atalhos ou se considerarem portadores únicos do saber (LAUAND, 1998:302).

Desde o início, a leitura era prioridade. Entretanto, a preocupação com livros de autores pagãos era manifesta (COLOMBÁS, 1991:499). Tal desconfiança tinha razão de ser, pois o erotismo presente em muitas destas obras aguçaria a libido de jovens ainda inexperientes e claudicantes. Com efeito, a leitura das *Escrituras Sagradas* era de importância basilar, especialmente para os novatos. Nelas, encontramos uma passagem que se refere ao tratamento que um pai digno deve dar a seus filhos.

> Vós esquecestes a exortação que vos foi dirigida como a filhos: Meu filho, não desprezes a correção do Senhor, não desanimes quando ele te repreende; pois o Senhor educa a quem ama, e castiga a quem acolhe como filho. É para a vossa correção que sofreis. Deus vos trata como filhos. Qual é, com efeito, o filho cujo pai não corrige? Se estais privados da correção da qual todos participam, então sois bastardos e não filhos. Toda correção, com efeito, no momento não parece motivo de alegria, mas de tristeza. Depois, no entanto, produz naqueles que assim foram exercitados um fruto de paz e justiça. (Hb 12, 5-8 e 11)

Retirado do *Antigo Testamento*, o extrato acima é um fragmento da sabedoria judaico-cristã, e dirige-se aos que estão em processo de aprendizagem. A eles, é fundamental compreender e perseverar. No futuro, perceberão que o pai (ou mestre), bom e amoroso, corrige seus filhos (ou discípulos), e corta pela raiz sentimentos ou comportamentos reprováveis. Se atos impudicos são permitidos por uma vã piedade, crianças fracas e corrompidas tornar-se-ão criaturas perversas, mensageiras do mal entre seus semelhantes.

Referências capitais ao longo da Idade Média, os ensinamentos contidos nas *Escrituras Sagradas* se mostraram presentes em variados aspectos cotidianos daquele período. Deste modo, a *Vida de São Romualdo* (início do século XI), escrita por São Pedro Damião (1007-1072), trás um testemunho que mostra como seu protagonista era tratado pelo mestre em tenra idade. Sem queixas ou lamentos, São Romualdo (956-1027) entregava-se aos castigos, e, respeitosamente, oferecia a outra face.

> [Marino] com seu discípulo saía para passear pelo largo deserto a salmodiar. Ora cantavam vinte salmos debaixo dessa árvore, ora trinta ou quarenta debaixo daquela. Romualdo, que havia abandonado o mundo ainda ignorante, apenas podia desentranhar as notas de seus versos sílaba por sílaba... Marino, que levava uma vara na mão direita, golpeava com muita freqüência a parte esquerda da cabeça de Romualdo, sentado de frente para ele. Depois de receber muitos golpes, Romualdo, obrigado por gravíssima necessidade, disse-lhe humildemente: “Mestre, por favor, pegue-me do lado direito, porque estou perdendo toda a audição da orelha esquerda”. (Pedro Damião, Vita S. Romualdi 4 PL 144, 959. Citado em COLOMBÁS, 1991:453)

Ícone do movimento reformista do monasticismo iniciado no século X, São Romualdo foi descrito como um estudante de conhecimentos limitados (COLOMBÁS, 1991:451-460). Contudo, isso não foi obstáculo para que o tempo o tornasse uma pessoa respeitada. A *vita* de Romualdo oferece indícios acerca do quanto a obediência e a humildade ascéticas imiscuíam-se nas práticas educacionais dos mosteiros medievais.

De acordo com Pedro Damião, cuja intenção foi edificar, o amadurecimento obtido com os anos fez Romualdo compreender que a dureza de um mestre servia ao bem futuro do discípulo. Para ele, era evidente que castigar afirmava o respeito e, sobretudo, o amor. Amor de um pai que sabe ser duro com seu filho na hora e na medida certas. Desta forma, as pancadas evitariam a repetição das mesmas falhas.

Através desse fragmento, também percebemos um traço significativo da literatura produzida nos mosteiros medievais: escrever com base nos exemplos bíblicos e no passado cristão. Assim, nas prédicas e textos hagiográficos era comum associar a figura de um santo a histórias e personagens da Bíblia, ou pessoas cuja existência exemplar as elevou à santidade (BYNUM, 1982:102). Através desse trecho da *Vida de São Romualdo*, Pedro Damião se valeu de um conhecido texto bíblico para encontrar a autoridade que julgava necessária ao que escreveu (Mt 5, 38-41) (LE GOFF, 2005:326).

*

Escrita em meados do século VI, *A Regra de São Bento* foi um dos escritos mais influentes do monasticismo medieval, pois ajudou a nortear aqueles que decidiram permanecer em oração (COLOMBÁS, 1990). Dividida em orientações práticas e espirituais, a regra trazia princípios necessários à organização de uma comunidade de monges. Dos ensinamentos que ela oferece, destacamos sua preocupação com o progresso dos que se entregavam ao ascetismo monástico.

> Cada idade e cada inteligência deve ser tratada segundo medidas próprias. Por isso, os meninos e adolescentes ou os que não podem compreender que espécie de pena é, na verdade, a excomunhão, quando cometem alguma falta, sejam afligidos com muitos jejuns ou castigados com ásperas varas para que se curem. (A Regra de São Bento, cap. 30)

Segundo a regra beneditina, todos os monges estavam sujeitos a sanções. As penas eram aplicadas objetivamente, conforme a idade de cada um, pois o castigo era ineficaz se não compreendido. Aos mais novos, repreensões com varas e privações alimentares; aos mais

velhos, cuja compreensão era maior, castigos na alma para provocar amargura na consciência. Ambos os níveis de punição tinham seu intento, porém, era a dor interior que atormentava o infrator, e fazia com que restabelecesse a harmonia com o Criador.

Essa diferenciação no trato entre jovens e adultos é melhor entendida através de um fragmento da *Epístola 11* de São Bernardo de Claraval dirigida aos cartuxos e a Guigo I (1083-1136), prior dos mesmos:

> [...] como somos carnais e nascemos da concupiscência da carne, é necessário que nossos desejos ou o nosso amor comece pela carne. Bem dirigida, avança de grau em grau sob a orientação da graça, até ser absorvida pelo espírito, porque não é primeiro o espiritual, senão o animal, depois o espiritual. Devemos levar primeiro a imagem do homem terrestre e depois a do celeste. O homem começa por amar a si mesmo: é carne, e não compreende outra coisa fora de si mesmo. Quando vê que não pode subsistir por si mesmo, começa a buscar a Deus pela fé e O amar porque necessita dEle. No segundo grau, ama a Deus, mas por si mesmo, não por Ele. Suas misérias e necessidades o impulsionam a recorrer a Ele com freqüência na meditação, na leitura, na oração e na obediência. (São Bernardo, Epístola 11, em SAN BERNARDO 1990:141)

Na passagem acima, Bernardo afirmou que no início de sua existência o homem é apenas carne, ou seja, matéria, e se dirige para tudo o que a ela se relaciona. Portanto, é incapaz de entender o amor de Deus (ENDERS, 2005:98-99). À medida que a elevação interior acontece, o homem busca o autoconhecimento, abre seus *ouvidos interiores*, e se torna sensível às questões superiores. Assim, desata os nós que o prendem ao carnal e se direciona ao que é espiritualmente bom.

Ao compararmos diferentes fontes primárias, encontramos pistas que sugerem uma explicação para os castigos físicos a serem dados aos estudantes: se no começo de sua formação o homem é carne e não compreende a elevação espiritual, deve-se utilizar a linguagem que ele é capaz de absorver. Assim, é no corpo que ele sofre primeiro para entender as reais dimensões dos desacertos cometidos.

*

Monge desde a juventude, o abade Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125) escreveu várias obras, a mais conhecida é *Monodiae* (c.1115) [Traduções utilizadas: ARCHAMBAULT (1996) e LABANDE (1981)]. Dividida em três livros, ela chama atenção devido às *crônicas sociais e políticas* que apresenta, assim como uma extensa narrativa acerca dos primeiros anos da vida de Guiberto, sobretudo no que tange o período inicial de sua formação acadêmica.

Nesta obra, esse abade narra uma história semelhante à de São Romualdo. Ainda criança, Guiberto foi entregue por sua mãe aos cuidados de um professor (*grammaticus*), e este o introduziu no conhecimento das letras. Entre uma aula e outra, o professor punia seu aluno com golpes que feriam seu corpo. Tal situação despertou dúvidas na mãe de Guiberto.

> Como normalmente fazia, ela começou a me perguntar se eu tinha sido espancado naquele dia. Então, para não parecer que queria denunciar meu mestre, não fiz afirmações diretas. Sem pedir permissão, minha mãe tirou minha roupa de baixo (...). Ela viu que meus bracinhos estavam negros e azuis, e que a pele em minhas costas estava inchada, devido às pancadas que recebi. Minha mãe suspirou quando viu como cruelmente eu fui tratado em tenra idade. Ela estava perturbada e totalmente agitada, seus olhos caíram em lágrimas quando disse: "Se esse é o caminho que toma, não se tornará um clérigo!" Devo aqui adicionar que ela já tinha me prometido que, quando eu tivesse idade, iria me prover com armas e equipamentos, caso quisesse me tornar um cavaleiro. (GUIBERTO DE NOGENT, Monodiae, livro 1, cap. VI)

Mesmo comum naquele tempo, o excesso punitivo do professor assustou a mãe de Guiberto de Nogent (ARCHAMBAULT, 1996:41, nota 41). Preocupada com o bem-estar de seu filho, ela lhe ofereceu a possibilidade de torná-lo cavaleiro, caso um tratamento tão duro lhe fosse imposto. Entretanto, o rapazinho recusou a oferta e preferiu permanecer sob os cuidados daquele homem. Tempos depois, em idade adulta, Guiberto entendeu a realidade por trás dos fatos.

> Por mais severo que fosse, meu mestre tornou claro para mim que de todas as formas me amava não menos do que amava a si mesmo. Ele zelava por mim com grande solicitude. Cuidava de meu bem estar com muita atenção, e temia as más intenções que algumas pessoas me direcionavam. Ele me avivou urgentemente a me guardar contra a corrupção de algumas pessoas que tinham os seus olhos em mim, e também advertiu minha mãe por me vestir tão elegantemente. Em uma palavra: ele parecia mais um parente que um pedagogo, não o mestre de meu corpo, mas o zelador de minha alma. (GUIBERTO DE NOGENT, Monodiae, livro 1, cap. VI)

Para Guiberto, a severidade de seu professor tinha motivo: era demonstração de amor e preocupação. Sem traumas, o amadurecimento lhe permitiu tal visão. Como abade e responsável pela formação de jovens como um dia foi, Guiberto compreendia que rigor e austeridade eram dolorosos, mas mostravam-se como vias para uma educação correta. Afinal, o bom pai preventivamente castiga seus filhos com ásperas varas (Pr 23, 13-14).

Ao ser aceito no mosteiro de Saint-Germer de Fly (c.1067), Guiberto passou a ter aulas com Santo Anselmo de Bec (1033-1109). Anselmo era admirado pelo tratamento afável que oferecia a seus discípulos (COLOMBÁS, 1991:568-569). Ao dialogar com um abade de

um certo mosteiro, Anselmo asseverou que punições excessivas e sem motivo surtiriam efeito contrário, e tornariam os alunos arredios e temerosos.

> Ao lhes consagrar a Deus, se foram plantados no jardim da Igreja para que cresçam e frutifiquem, e vocês, pelo temor, pelas ameaças, pelos golpes, deixam-nos tão oprimidos, que não podem ter nenhuma liberdade. Tratados dessa maneira, acumulam, acariciam e alimentam em seu seio maus pensamentos, que se entrelaçam como espinhos, o que podia servir não serve mais que para descartar com torpeza o que poderia servir para sua correção. (...) se querem que seus filhos adquiram bons costumes, devem amenizar as correções corporais com uma bondade paternal, com uma assistência plena de suavidade. (...) assim como o corpo exige uma alimentação distinta, segundo se está débil ou vigoroso, de igual modo a alma, se é débil ou forte, pede um alimento distinto. (Eadmero, Vida de S. Anselmo. Citado em COLOMBÁS, 1991:568-569)

Como um mestre sábio e conhecedor de sua função, Santo Anselmo instigava por metáforas. Com medida eloqüência, ele convidava seus ouvintes e leitores ao raciocínio e à reflexão. Sem entregar questões prontas, Anselmo ansiava que todos discernissem com sapiência. Eternizados por Eadmero (1055-1124), os ensinamentos deste santo comprovam que os mestres medievais, longe de pregarem a violência como um recurso inquestionável, perguntavam-se se esse era o melhor ou único caminho a ser tomado quando o assunto era educar.

Ao escrever sobre a vida de Santo Anselmo, Eadmero trouxe à tona a postura pedagógica deste santo, um homem que se destacou em seu tempo por sua preocupação com a busca pelo saber e boa formação discente. Segundo Eadmero, Anselmo acreditava que punições eram necessárias, mas o excesso o incomodava, pois deixaria os jovens avessos aos estudos. O estudante precisava se sentir amado para se desenvolver.

Castigar os mais novos com parcimônia e compreensão, eis a orientação dada aos monges por Anselmo pela pena de Eadmero. Por ainda não entenderem a severidade espiritual da excomunhão, os neófitos deveriam sentir na carne o peso de suas irresponsabilidades. Porém, os que usassem pancadas sem critério também seriam repreendidos, era o que *A Regra de São Bento* recomendava.

> Seja vedada no mosteiro toda ocasião de presunção, e determinamos que a ninguém seja lícito excomungar ou bater em qualquer dos seus irmãos, a não ser aquele a quem foi dado o poder pelo Abade. Que os transgressores sejam repreendidos diante de todos para que os demais tenham medo (1 Tm 5, 20). A diligência da disciplina e guarda das crianças até quinze anos de idade caiba a todos, mas, também isso, com toda medida e inteligência. Quem de qualquer modo o presume, sem ordem do Abade, contra os que já são mais velhos, ou bater sem discrição mesmo nas crianças, seja submetido à disciplina regular, porque está escrito: Não faças a outrem o que não queres que te façam (Tb 4, 16). (A Regra de São Bento, cap. 70)

A partir do que a regra definia, os estudantes eram protegidos da violência desmedida. Contudo, uma leitura a contrapelo acerca do que o texto diz nos permite vislumbrar que, por mais que se buscasse um equilíbrio, havia aqueles que extrapolavam. Essa visão histórica equilibrada obtida pela comparação entre diferentes fontes primárias nos aproxima de uma Idade Média passível de acertos, mas também de equívocos. Nem sombria, nem dourada, uma Idade Média simplesmente humana.

*

Das fontes aqui apresentadas, analisamos um ponto comum a todas: o uso de castigos físicos para punir estudantes, mormente os jovens indômitos. Perguntamo-nos: por que essas práticas foram tão enfatizadas entre os mestres monásticos medievais? Por que a necessidade de se fazer chorar e sofrer aqueles que iniciam a caminhada discente?

Antes de qualquer coisa, devemos entender o conceito de educação dos mestres da Idade Média. Para eles, conforme afirmamos, não se separava os conteúdos ensinados da concepção ética de quem os recebia. Ademais, os mestres monásticos medievais acreditavam que educar significava fazer sair algo que já se encontrava no interior da pessoa (COSTA, 2005:37-38). A esses homens cabia encontrar o melhor caminho para esse saber aflorar, o que nos faz acreditar que não excluíam a aplicação de pancadas.

Também é importante lembrar que em boa parte do medievo o corpo era concebido como fonte de perdição, pois por meio dele os humanos pecavam (SCHMITT, 2002:255-256). Para se desviar dos vícios mundanos, o verdadeiro cristão controlava seus instintos corporais e se envolvia com as questões do espírito. Aquele que não se disciplinava chafurdava em frivolidades e se distanciava da salvação. Quem não era senhor de sua carne era um animal incapaz de compreender a transcendência das palavras de Deus.

Aos olhos dos mestres do medievo, o futuro reservava um reencontro com Deus, portanto, todos tinham que se preparar: corrigir e aprender desde cedo; preparar para a vida e para as obras divinas. Porém, antes desse derradeiro momento, quem abraçou uma existência voltada para as orações e estudos tinha obrigação de saber as funções que o aguardavam, a saber, a de ser exemplo e zelar pelo rebanho de Deus.

Assim, aos mestres medievais, estava claro: *quem ama educa*, mas também *corrige* e *pune*. Uma punição para *formar*, *preparar* e *salvar*. Eis a quinta-essência da concepção pedagógica que os monges cultivaram. Por último, citemos um trecho do Evangelho de São Mateus. Com a *prudência* dos medievais em mente (LAUAND, 2005:65-81), façamos uma

derradeira reflexão edificante e, no fim, um sábio julgamento pessoal que deverá permanecer em nossa memória.

> (...) todo aquele que ouve essas minhas palavras e as põe em prática será comparado ao homem sensato que construiu sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, mas ela não caiu, porque estava alicerçada na rocha. Por outro lado, todo aquele que ouve essas minhas palavras, mas não as pratica, será comparado ao homem insensato que construiu a sua casa sobre a areia. (Mt 7, 24-26)

Bibliografia

A Regra de São Bento (edição bilíngüe: latim / português). 2. ed. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 1999.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

GUIBERT OF NOGENT. A monk´s confession: the memoirs of Guibert of Nogent. Edição e tradução: Paul Archambault. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 1996.

GUIBERT DE NOGENT. Guibert de Nogent: autobiographie. Edição e tradução: Edmond-René Labande. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

SAN BERNARDO DE CLARAVAL. Obras completas de San Bernardo: cartas. Madrid: BAC, 1990, tomo VII.

Fontes Secundárias

BYNUM, Caroline Walker. Jesus as mother: studies in spirituality of the Middle Ages. Los Angeles: University of California, 1982.

CARRUTHERS, Mary. The book of memory: a study of memory in medieval culture. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

COLOMBÁS, García M. La tradición benedictina: ensayo histórico (los siglos VI y VII). Zamora: Monte Casino, t. II, 1990.

_____. La tradición benedictina: ensayo histórico (los siglos VIII-XI). Zamora: Monte Casino, t. III, 1991.

COSTA, Ricardo da. A educação infantil na Idade Média. Videtur, Porto, n. 17, p. 13-20, 2002.

_____. A educação na Idade Média. A busca da sabedoria como caminho para a felicidade: Al-Farabi e Ramon Llull (séculos X-XIII). Dimensões: revista de História da UFES, Vitória, n. 15, p. 99-115, 2003.

_____. Las definiciones de Las Siete Artes Liberales y Mecânicas en la obra de Ramón Llull. Porto / São Paulo: Mandruvá, 2005.

DOYLE, Matthew. Bernard of Clairvaux and the schools: the formation of an intellectual milieu in the first half of the twelfth century. Spoleto: Fondazione Centro italiano di studi sull'alto Medioevo, 2005.

DUBY, Georges. O ano mil. Lisboa: 70, 1980.

ENDERS, Markus. Bernardo de Clairvaux: um mestre do amor. In: KOBUSCH, Theo (org.). Filósofos da Idade Média: uma introdução. São Leopoldo: Unisinos, 2005, p. 95-111.

GADAMER, Hans-Georg. O problema da consciência histórica. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GILSON, Étienne. A filosofia na Idade Média. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LAUAND, Luiz Jean. A *prudentia* em Tomás de Aquino – atualidade de uma análise medieval. In: Encontro Internacional de Estudos Medievais – Medievalismo: leituras contemporâneas, 6., 2005, Londrina. Anais... Londrina: Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), 2005, v. 1, p. 65-81.

_____ (org.). Cultura e educação na Idade Média: textos do século V ao XIII. São Paulo: Martins fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente medieval. Bauru: Edusc, 2005.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. História da educação na Idade Média. São Paulo: Edusp, 1979.

SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e alma. In: Dicionário temático do ocidente medieval. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, vol. 1, 2002, p. 253-267.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. Para ler os medievais: ensaio de hermenêutica imaginativa. Petrópolis: Vozes, 2000.